

OPINIÃO

SOCIALISTA



Nº627
De 9 de dezembro a
janeiro de 2022
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



Foto: Jornais Livres

FORA BOLSONARO E MOURÃO

SEM ENFRENTAR OS SUPER-RICOS DESIGUALDADE VAI AUMENTAR

O Brasil precisa de um projeto socialista

O BRASIL ESTÁ
PASSANDO
FOME



PDF INTERATIVO

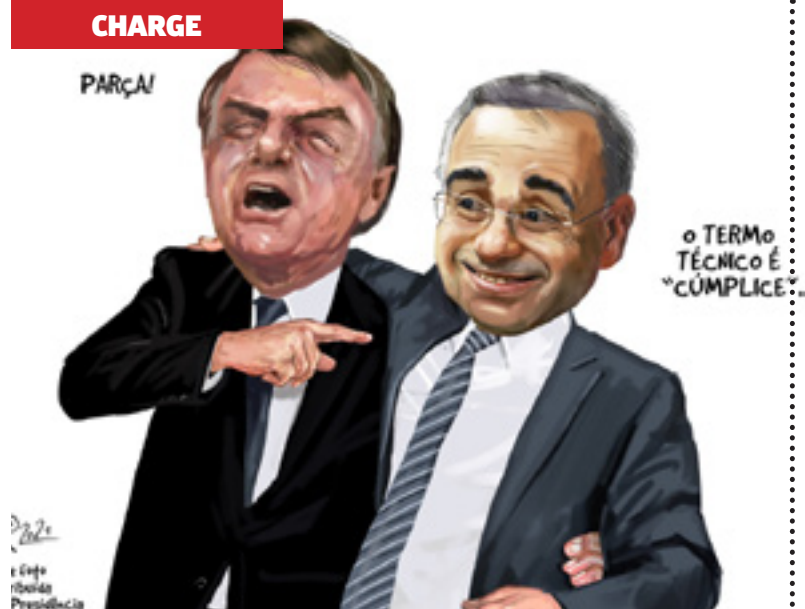
CLIQUE NO QR CODE >



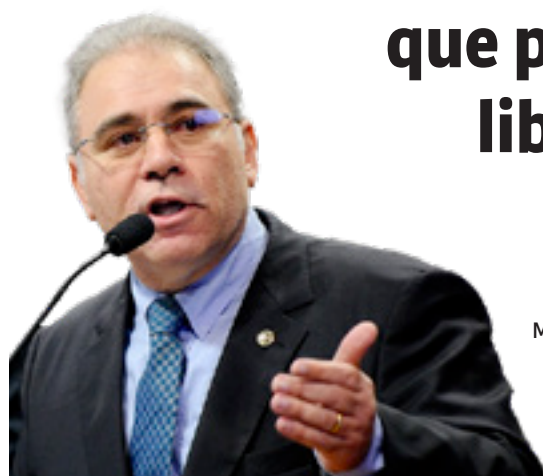
DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



“ Às vezes é melhor perder a vida do que perder a liberdade ”



Ministro da Saúde **Marcelo Queiroga**, explicando o motivo do governo ser contra o passaporte da vacina.

DOCTRINA DO INIMIGO INTERNO

Exército treina militares pra combater esquerda

O Portal Intercept Brasil publicou uma reportagem sobre um treinamento do Exército, realizado em 2020. A chamada “Operação Mantiqueira” foi uma prova para candidatos integrarem a tropa de elite dos militares, realizada em Piquete, cidade paulista de menos de 15 mil habitantes, localizada no Vale do Paraíba. Mas o que chamou a atenção foi o inimigo criado para o exercício militar. Na simulação, os candidatos tiveram de combater uma “organização armada clandestina”. No documento que apresenta o exercício, a força explica que o inimigo fictício surgiu “de uma dissidência do Partido dos Operários”, o “PO”, que “recruta e treina militantes do MLT”, o “Movimento de Luta pela Terra”. O teor do exercí-



cio a que os oficiais do Exército submetem candidatos às suas Forças Especiais deixa claro que, passados quase 40 anos desde a redemocratização, a maior das três Forças Armadas não apenas enxerga os movimentos sociais e políticos de esquerda como inimigos, como também são treinados para combatê-los e matá-los. A velha doutrina do “inimigo interno” ainda é repetida nas academias de trei-

namento dos militares. Essa doutrina vê qualquer luta social como uma ameaça. Por isso, aprendem a desconfiar de indígenas como uma suposta ameaça à soberania, enquanto sua cúpula é totalmente entreguista, privatista e neoliberal. Um bom exemplo foi a recente autorização do general Heleno dada para garimpeiros explorar áreas próximas às terras indígenas na Amazônia.

PESQUISA

Mulheres e desemprego

Em 2020, o Brasil perdeu 480,3 mil empregos formais, com carteira assinada, sendo que, deste total, 462,9 mil (96,4%) eram vagas ocupadas por mulheres. É o que mostra o levantamento da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) sobre movimentações empregatícias do ano e de todos os tipos de contrato, divulgada esta semana. As mulheres, os trabalhadores que ganham acima de um salário mínimo e os que têm idade entre 30 e 39 anos foram os mais impactados pelo desemprego no ano passado, auge da pandemia da Covid-19.



PRÓXIMO LANÇAMENTO

Ronald León Núñez

A GUERRA contra o PARAGUAI em debate

18

SUNDERMANN

(11) 9.8649.5443

www.editorasundermann.com.br



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917



opinio@pstu.org.br



Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Sem enfrentar os super-ricos, desigualdade só vai aumentar

Enquanto fechávamos esta edição saía mais um levantamento demonstrando a obscena desigualdade social que persiste desde sempre neste país. Segundo o relatório “Desigualdade Mundial”, os 10% mais ricos têm uma renda 29 vezes maior que a da metade mais pobre da população. Uma das maiores desigualdades de renda do mundo, perdendo só para a África do Sul entre as economias do G20.

Enquanto os 50% mais pobres ganham, em média, R\$ 8.800,00 ao ano, o que dá menos que um salário mínimo, os 10% mais ricos ganham R\$ 255.760,00. Esses mesmos 10% no topo da pirâmide detêm quase 60% da renda nacional. Ainda mais no topo, o 1% mais rico ganha uma média de R\$ 1,2 milhão, o equivalente a 26,6% da renda nacional. Enquanto isso, os 50% mais pobres levam só 0,4%.

A pesquisa mostra que anos de programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, não tocaram na grana dos ricos. Os 10% mais ricos, por exemplo, sempre tiveram mais que 50% da renda. A desigualdade na renda é grande, mas não capta o real abismo que existe entre os grandes detentores do capital, os realmente super-ricos que, como Paulo Guedes, guardam suas fortunas em paraísos fiscais e o restante da população.

Desde o começo da pandemia, o Brasil viu surgir 75 novos bilionários, totalizando 315 pessoas neste grupo que acumulam, juntas, uma fortuna de R\$ 1,9 trilhão. Para se ter uma ideia, isso dá 1/4 do PIB do país. Enquanto isso, a renda dos trabalhadores despenca mais de 11% por conta do desemprego e da inflação, as famílias se endividam e, no país em que mais se produz alimen-



tos no mundo, crianças sobrevivem comendo calangos e gambás.

Essa desigualdade é fruto do sistema capitalista, e a sua crise exacerba ainda mais essa contradição, agravada com pandemia. No mundo inteiro, os 520 mil bilionários, ou 0,01%, concentram 11% da renda. Só em 2020 esse seleto grupo ganhou 3,7 trilhões de dólares, algo próximo ao gasto total com saúde no planeta neste período: 4 trilhões.

PARA ACABAR COM A DESIGUALDADE É PRECISO ENFRENTAR O 0,1%

A desigualdade social é uma constante no Brasil porque todos os governos, da Colônia à República, atuaram de acordo com as necessidades das elites e do imperialismo, o que reforça ainda mais a exploração e a rapina. Nem mesmo os governos do PT solucionaram ou mesmo amenizaram esse problema, pois não tocaram nos lucros e pro-

priedades dos super-ricos.

O que houve nos governos petistas foi a distribuição de renda entre os remediados e os mais pobres através de programas de transferência como o Bolsa Família. Programa emergencial de transferência é necessário, como vimos na pandemia e agora, quando o governo Bolsonaro corta o auxílio a 22 milhões de famílias. Mas não resolve o problema da fome, do desemprego e da miséria. Isso só se faz com emprego e renda. E só é possível acabar com o desemprego e garantir salário digno a todos justamente tirando dos super-ricos.

É preciso reduzir a jornada de trabalho sem diminuir os salários. Pôr em marcha um plano de obras públicas a fim de absorver a reserva de mão de obra sem emprego (e atacar os problemas estruturais como o saneamento). Proibir as grandes empresas de demitirem e estatizar, sem indenização, as que insistirem em

dispensar trabalhador. Além de aumentar os salários.

Evidentemente, Bolsonaro não vai fazer nada disso. Muito pelo contrário, seu governo pretende radicalizar ainda mais os ataques ao povo pobre, aumentar a exploração e a entrega do país. Até mesmo greve de patrão querem legalizar, ao mesmo tempo que proíbem trabalhador de aplicativo na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Ou os candidatos da “terceira via”, como Sérgio Moro e João Doria, igualmente comprometidos com os banqueiros e grandes empresários.

Diante disso, seria a candidatura Lula realmente uma alternativa para a classe trabalhadora e o povo pobre? Bolsonaro defende um projeto autoritário e de ditadura, porém a alternativa representada por Lula não é capaz de uma real transformação social, de redução das desigualdades ou sequer de resolver os problemas mais canden-

tes como o desemprego e a fome. Tampouco vai revogar as reformas trabalhista e da Previdência. Isso porque o PT não se propõe a enfrentar os super-ricos e os bilionários, mas governar com eles. Garantir os interesses desse 0,1% e o que sobrar, transformar em concessões. Mas não estamos em 2002, a crise capitalista não tem precedente e não há mais margem de manobra para conciliar interesses. Ou se enfrentam os bilionários ou continuamos na mesma.

A tentativa de formar uma chapa com o ex-governador Geraldo Alckmin reforça ainda mais a disposição de fazer um governo de aliança de classe, incapaz de mudar efetivamente a vida dos trabalhadores.

Para mudar de fato e ter empregos, renda, salário e serviços públicos, é preciso taxar os super-ricos e as grandes fortunas. Parar o pagamento da dívida aos grandes banqueiros e impedir as remessas de lucros. Estatizar as grandes multinacionais que controlam 70% da economia e colocá-las sob direção operária para atuarem de acordo com os interesses da população. Colocar a Petrobras sob controle dos trabalhadores, retomando as ações que estão hoje nas mãos de megainvestidores estrangeiros, e colocando-a para produzir combustível e gás a preço de custo. Reestatizar as empresas privatizadas, como a Vale e a Eletrobras.

É preciso, enfim, um programa socialista que enfrente o grande capital, os super-ricos e os bilionários. O PSTU entende que é necessária uma alternativa da classe trabalhadora que defenda esse projeto, tanto nas lutas quanto nas eleições. Por isso, apoia e constrói o Polo Socialista Revolucionário.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DXIWLr](https://bit.ly/3DXIWLr)

POLÊMICA

Centrais Sindicais embarcam na frente Lula/Alckmin. Não em nosso nome!

POR JOANINHA DE OLIVEIRA E LUIZ CARLOS PRATES (MANCHA), INTEGRANTES DA EXECUTIVA NACIONAL DA CSP-CONLUTAS.

Ganhou manchete na imprensa a movimentação das cúpulas das maiores centrais sindicais brasileiras para incentivar a formação de uma chapa com Lula (PT) e Geraldo Alckmin (atualmente no PSDB) para as eleições de 2022. Força Sindical, União Geral dos Trabalhadores (UGT), Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) e Nova Central chegaram a se reunir com o tucano para “pedir explicitamente” que ele aceite ser vice do petista.

A CUT não participou da reunião, realizada no último dia 29, mas o presidente da Central, Sérgio Nobre, em entrevista ao jornal “Valor Econômico”, declarou que “não tem nada contra a proposta”, acrescentando que

vencer as eleições é um desafio, mas que “governar é um desafio maior ainda” e que, por isso, é preciso “juntar todo mundo”.

Vemos, assim, lamentavelmente, a maioria das direções das centrais sindicais novamente se alinhando a mais um projeto de conciliação de classes. Após 13 anos de governos petistas de conciliação e tudo o que veio depois, essas direções ainda não aprenderam a lição.

NEGOCIAÇÕES DE VENTO EM POPA

As negociações para viabilizar a chapa Lula/Alckmin estão de vento em popa. Lula tem elogiado o governo Alckmin em São Paulo. Chegou a dizer que Alckmin é o “único tucano que gosta de pobre”.

Os afagos de Lula são coerentes com os governos do PT que, de fato, não enfrentaram ou romperam com a burguesia e o sistema capitalista. Ao contrário, foram governos, como o próprio Lula costuma dizer, em que “nunca os empresários ganharam tanto dinheiro”.

Alckmin é um dos principais representantes da burguesia. Em suas gestões, como governador de São Paulo, aplicou à risca os planos dos banqueiros e empresários, privatizando e sucateando os serviços públicos. Além disso, ficou conhecido internacionalmente pela violenta desocupação que promoveu no Pinheirinho, em São José dos Campos (SP).

O aval dessas direções sindicais a uma frente com Alckmin tenta conciliar interesses de classes totalmente antagônicos, algo que já se tornou comum na prática destas centrais. Bas-



ta ver o recente apoio que deram à desoneração da folha de pagamentos, que desvia recursos que deveriam ir para a saúde, educação e serviços públi-

cos para os bolsos dos patrões, com a desculpa esfarrapada de manter os empregos. Algo que já se comprovou não ter ocorrido desde que a medida foi adotada.

UM FILME JÁ VISTO

Não podemos cair em armadilhas ou repetir erros



É indiscutível a destruição que o governo de Bolsonaro vem impondo ao país. O resultado foram mortes, desemprego, carestia, inflação, fome e miséria. Sem falar nas ameaças às liberdades democráticas, ataques ao meio-ambiente, aos indígenas, quilombolas, mulheres, negro(as) e LGBTIs e à política de terra arrasada nos campos da Cultura e das Artes.

Por tudo isso, muitos ativistas e trabalhadores podem

pensar que realmente é preciso qualquer tipo aliança pra enfrentar Bolsonaro.

Mas, não se pode cair em armadilhas ou repetir erros. Uma chapa e um eventual governo em aliança com a burguesia não terão compromisso algum com a defesa de medidas a favor dos trabalhadores e dos mais pobres, como a revogação das reformas Trabalhista e da Previdência ou da Emenda do Teto de Gastos, que congelou os inves-

timentos em serviços públicos, ou, ainda, das privatizações.

Estamos dispostos a fazer, nas lutas e nas ruas, a mais ampla unidade com todos que estejam dispostos a colocar, já, o governo Bolsonaro e, para isso, construir uma Greve Geral. No entanto, uma verdadeira saída para a atual crise não pode ser construída com a burguesia e seus representantes, tal como Alckmin. Tampouco, a saída é a que está sendo apresentada pelo PT, que governou com os empresários e banqueiros e já indica que pretende fazer um governo ainda mais à direita.

PERIGOS DA CONCILIAÇÃO DE CLASSE

O Brasil sofre um avançado processo de recolonização, com desindustrialização, desnacionalização e rapina profundas. Assim, as organizações dos trabalhado-

res vivem um dilema permanente: trilharem um caminho independente dos patrões e seu Estado, defendendo uma perspectiva revolucionária de ruptura com o capitalismo, ou se tornarem gestoras deste sistema de exploração, fazendo parcerias com os patrões.

A adesão das direções destas centrais a uma frente com a burguesia, após boicotarem e frearem o processo de lutas pelo “Fora Bolsonaro, já!” é uma opção pelo segundo caminho.

Uma opção criminosa e perigosa, como foi destacado no Manifesto do Polo Socialista e Revolucionário, iniciativa que vem reunindo diversos ativistas, da qual o PSTU também faz parte (ler páginas 5 e 6): “Fazer corpo mole na luta pelo Fora Bolsonaro, hoje, esperando derrotá-lo com as eleições de 2022 é uma política criminosa, pois ignora a tragédia que

ele impõe à população agora. É também perigosa, porque subestima o perigo que representa um governo que trabalha todos os dias para implantar uma ditadura no país”.

ALTERNATIVA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

Diante da atual crise capitalista, que a cada dia leva a humanidade à barbárie, é preciso lutar por uma alternativa socialista e revolucionária. Uma alternativa que possa, de fato, trazer as mudanças necessárias para garantir emprego, direitos, saúde, educação, moradia, o fim da política de aumentos abusivos no preço dos combustíveis, o congelamento do preço dos alimentos etc. Enfim, que garanta condições de vida dignas para a maioria da população.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DEOXB7](https://bit.ly/3DEOXB7)

POLO SOCIALISTA

Lançamento em São Paulo reúne cerca de 200 ativistas

PSTU
(SÃO PAULO)

No último dia 3, cerca de 200 ativistas se reuniram na sede do Sindicato dos Metroviários de São Paulo na a plenária de lançamento do Polo Socialista e Revolucionário na cidade.

A atividade teve como objetivo discutir uma saída para o Brasil, de oposição ao projeto de rapina e genocídio bolsonarista e, também, da direita tradicional, de Dória (PSDB) e Moro (Podemos). Ao mesmo tempo, a plenária reafirmou que a saída para a crise brasileira não pode ser via a conciliação de classes, defendida pelo PT e apoiada pela maioria da direção do PSOL.

Na plenária, o historiador e professor da USP Rodrigo Ricúpero resgatou o Manifesto que deu origem aos debates sobre o Polo, no qual é ressaltada a defesa da derrubada do governo Bolsonaro. “O Fora Bolsonaro e Mourão é uma tarefa urgente, mas essa luta foi abandonada pela direção do movimento em troca da perspectiva eleitoral. Este abandono, ao mesmo tempo em que desatualiza o Mani-



Rodrigo Ricúpero, professor da USP, fala em plenária do Polo em SP.

festo, reafirma a necessidade do Polo fazer esse debate com a massa e a vanguarda, colocando a necessidade da revolução e do socialismo”, disse Ricúpero.

DERROTAR OS CAPITALISTAS NAS RUAS E NAS ELEIÇÕES

Vera, da direção nacional do PSTU, afirmou que os partidos que traíram as lutas e fizeram definhar a campanha pelo Fora Bolsonaro estão apresentando um projeto para as próximas eleições, para atender os interesses dos grandes capitalistas nacionais e internacionais e, consequentemente, não podem atender os interesses daqueles que estão desempregados,



Vera em plenária do Polo em SP.

não têm casa para morar e nem terra para plantar.

Falando sobre as eleições, Vera destacou que o Polo não tem por objetivo se reduzir a uma frente eleitoral, mas afirmou que o PSTU apresentará candidaturas nas eleições 2022 e que seria importante a presença dos ativistas do Polo nesse processo, durante o qual, inclusive, o PSTU poderá ceder a sua legenda.

“A classe trabalhadora tem o direito e o dever de apresentar um programa para eleições, que parta da realidade da classe trabalhadora para

atender as suas necessidades”, finalizou Vera.

AVANÇAR NA CONSTRUÇÃO DO POLO

Marcello Pablito, do Conselho de Base do Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp) e do Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT), ressaltou a importância da plenária como um passo adiante na organização do Polo. “A unidade da esquerda socialista é fundamental para derrotar a burguesia. É fundamental apontar quem são nossos aliados e nossos inimigos. É tarefa

de um Polo Socialista apontar uma saída de independência de classe, para que os capitalistas, e não a nossa classe, paguem a conta da crise”, disse.

Várias intervenções foram realizadas após as falas iniciais dos integrantes da mesa, que foi coordenada pela dirigente do Luta Popular, Irene Maestro. Entre as intervenções da plenária, os companheiros Igo e Vidal, do movimento Hip Hop da periferia de São Paulo, realizaram apresentações culturais. Após o encerramento, houve uma confraternização com o grupo Samba do Dema.

Como principal encaminhamento, ficou decidido que é preciso levar a construção do Polo Socialista e Revolucionário para os locais de trabalho, estudo e moradia, com a realização de atividades de base. Essas atividades devem elaborar propostas para fortalecimento do Polo. Também foi discutida a necessidade de criarmos condições para a formação de uma coordenação do Polo em São Paulo, para conduzir os trabalhos e impulsionar a construção do Polo na cidade.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DYAKNA](https://bit.ly/3DYAKNA)

BAHIA

Dezenas participaram da plenária virtual de lançamento do Polo Socialista

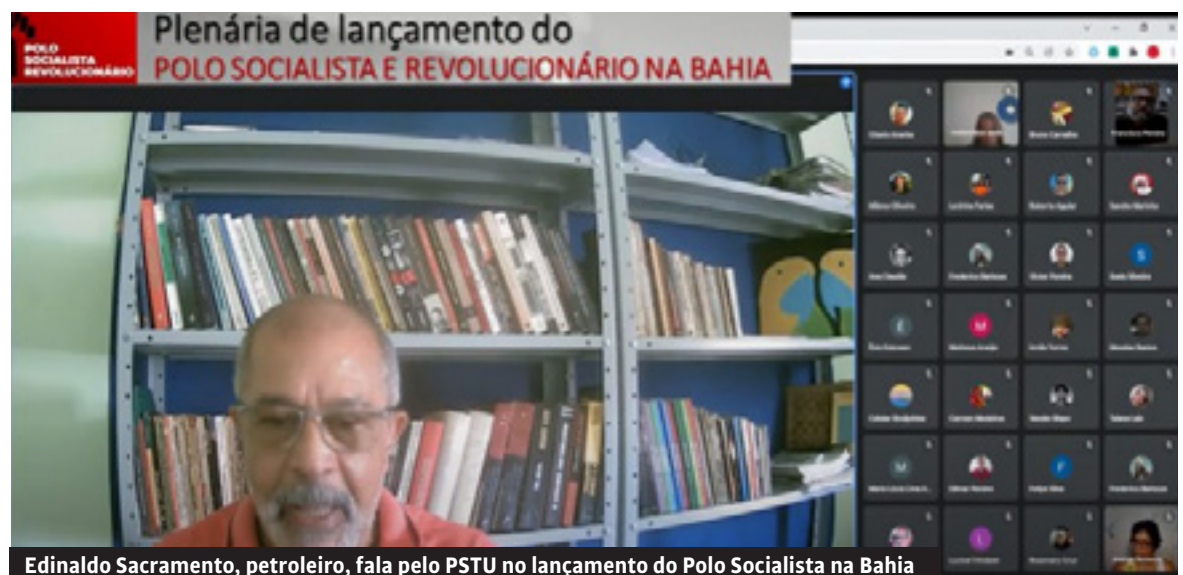
PSTU
(BAHIA)

Petroleiros, servidores públicos federais, professores da rede estadual e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), estudantes, trabalhadores dos Correios, jornalistas, agricultores rurais, quilombolas, ativistas das lutas contras as opressões participaram da plenária de lançamento do Polo Socialista na Bahia, no último sábado, dia 4.

O petroleiro Ednaldo Sacramento, militante do

PSTU, e o professor Francisco Pereira, membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas Marxistas (LEMARX/UFBA), fizeram uma explanação sobre o manifesto do Polo Socialista e a conjuntura atual. A atividade foi coordenada pela professora Jeanne Rezende, do Coletivo Reviravolta na Educação.

“A construção do Polo é uma iniciativa nacional, resultado de uma necessidade em apresentar um projeto socialista para responder à realidade que vive a classe



Ednaldo Sacramento, petroleiro, fala pelo PSTU no lançamento do Polo Socialista na Bahia

trabalhadora brasileira”, disse Ednaldo.

O professor Francisco Pereira destacou que vem crescendo a adesão ao Manifesto e do próprio movimento, ressaltando a importância do lançamento do Polo na Bahia, um Estado governado pelo PT há 15 anos, que tem a capital, Salvador, governada pelo DEM, partido da base de apoio a Bolsonaro.

“Estamos passando por uma crise estrutural que abala os pilares estruturais do capitalismo, que leva a uma ofensiva dos governos sobre as conquistas históri-

cas dos trabalhadores, com imposições de contrarreformas, que afetam a condição de vida da nossa classe. O que exige uma resposta contundente, com um programa socialista e revolucionário, tendo a estratégia do socialismo como guia, para que possamos derrotar o capitalismo”, afirmou o membro do LEMARX/UFBA.

DEBATE E CONSTRUÇÃO DO POLO NA BASE

Vários ativistas fizeram intervenções na plenária. Dona Ana, liderança do Quilombo Quingoma, saudou a

plenária destacando a importância da construção do Polo Socialista e a conexão com as lutas dos povos tradicionais.

“Reivindicamos a luta das grandes mulheres negras como Luiza Mahin, Acotirene, Dandara e tantas outras guerreiras que lutaram por liberdade, que guiam nossos passos nas batalhas que travamos hoje. O governo Rui Costa e a prefeita Moema Gramacho, ambos do PT, querem entregar nosso território à iniciativa privada, mas estamos na luta. O Polo já nasce integrado a esse processo de resistência

do povo negro e quilombo-la”, frisou Dona Ana.

A professora Sandra Marinho (LEMARX/UFBA) fez a defesa da construção do Polo como uma ferramenta socialista, com independência de classe, frente ao movimento que a maioria da esquerda faz em direção ao horizonte eleitoral. Posição reforçada por Manoel Messias, da cidade de Seabra, militante da corrente Revolução Brasileira (PSOL).

O professor Antônio Sales, da cidade Alagoinhas, afirmou que a construção do Polo não se resume a uma atuação eleitoral, enfatizan-

do que o projeto vai para além disso e está a serviço de uma estratégia: a luta pelo socialismo. Otávio Aranha, militante do PSTU de Salvador, também ressaltou a necessidade da luta pelo socialismo como uma construção diária, daí a necessidade da construção do Polo Socialista nos locais de trabalho, de estudos e moradia.

No final, encaminhou-se pela continuidade do trabalho com o Manifesto, buscando novas assinaturas e adesões.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3IW5X2E](https://bit.ly/3IW5X2E)

GOIÁS

Polo foi lançado no último domingo, dia 5

No último dia 5, houve o lançamento do Polo Socialista e Revolucionário em Goiás. O evento contou com a participação de Cyro Garcia, dirigente do PSTU-RJ.

“O Polo Socialista é o local onde nós, socialistas e revolucionários, devemos construir uma proposta para nossa classe, um projeto de ruptura com o capital, construído em conjunto com os trabalhadores em todas as partes do país”, disse Cyro.

Após a fala de abertura, foi exibido um vídeo enviado por Pinheiro Salles, ex preso político da ditadura militar, presidente da Comissão de Direitos Humanos e Liberdade de Imprensa do Sindicato dos Jornalistas e vice-presidente da Comissão Nacional de Ética dos Jornalistas, parabenizando a criação do Polo.

INTERVENÇÕES

Após a saudação de Pinheiro Salles, vários participantes tomaram a palavra. Kelly Cristina, do Grupo Feminista de Goiás, destacou que “uma parte dos ativistas não acredita mais na luta e no socialismo, isso faz com que a ideologia capitalista tenha vencido em nossa subjetividade. É muito importante que tenhamos a visão de nossa classe e o mundo que queremos. Saudamos o Polo Socialista pela ação a que se propõe”.

Já o ativista Fred, da corrente Comuna (PSOL), disse

Venha construir o Polo socialista revolucionário!



Conheça o Polo em polosocialista.com.br

que espera que seu partido venha construir o Polo Socialista. “Espera-se que a FIT (sigla em espanhol da Frente de Esquerda e dos Trabalhadores) da Argentina se repita aqui, e, por isso, o Fora Bolsonaro é importante. A transformação social só se faz a partir da luta. Devemos construir o Polo para dentro e para fora da institucionalidade”, defendeu.

O operário Darlan, disse que “o Polo tem o papel de se contrapor a um projeto de conciliação de classe que vem sendo construído pelo PT e o PCdoB, com o apoio da maioria da direção do PSOL, a exemplo dessa co-

ligação entre Lula e Alckmin. Temos que apresentar uma alternativa verdadeiramente de classe frente aos ataques que os trabalhadores sofrem”.

ENCERRAMENTO

No encerramento dos debates, Cyro reforçou que “o Polo Socialista vai para além de 2022. Não é um programa eleitoral, mas de luta, com saídas estratégicas, de ruptura com o capitalismo e em defesa do socialismo”.

Quanto à FIT Argentina, o dirigente do PSTU, disse que a situação no Brasil é diferente. Cyro lembrou que, aqui, há um gran-

de partido reformista, que é o PT, há os stalinistas e neoestalinistas, que são reformistas e não têm independência de classe, que também irão apoiar o PT com os burgueses. “O Polo vai servir para aqueles que nesses partidos mantém uma posição de classe tenham onde lutar”, concluiu Cyro.

Rubens Donizzeti, que teve a tarefa de mediar a

plenária, agradeceu a Cyro Garcia pelo debate e clamou a todos os presentes a levar e debater o Polo nos locais de trabalho, nos bairros, nas escolas, com os familiares, enfim, ir aonde o povo está.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3IAZLUQ](https://bit.ly/3IAZLUQ)

PARTICIPE

Próximas plenárias

11/12 – ABC Paulista e Baixada Santistas. Evento on-line

14/12 – Minas Gerais. Evento on-line

MULHERES CONTRA BOLSONARO!

Manifestações aconteceram em todo o país



MARCELA AZEVEDO E MARISA MENDES,
DA SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES

No último dia 4, diversas organizações de mulheres e partidos políticos de esquerda convocaram um dia nacional de manifestações, exigindo o impeachment de Bolsonaro. Os atos foram convocados em pelo menos 17 capitais e dezenas de cidades do interior. Os diferentes movimentos se unificaram em torno da denúncia do aumento da fome, da pobreza e da violência machista durante o governo Bolsonaro.

Falando no ato que ocorreu em sua cidade, Claudia Durans, militante do PSTU em São Luís (MA), destacou a importância das mulheres nas lutas e na História. “As mulheres são parceiras da História e estiveram à frente da maior conquista dos trabalhadores, a revolução russa”, destacou a professora, acrescentando: “mesmo sendo final do ano, é preciso seguir mobilizando mulheres e homens para derrubar Bolsonaro e Mourão, já”.

Em São Paulo, Marisa Mendes, do Movimento Mulheres em Luta (MML), expressou a indignação com a permanência do genocida

no poder e conclamou as mulheres presentes a seguirem lutando, não apenas para colocar Bolsonaro pra fora, mas, também, para ir além: construir uma revolução socialista que ponha fim à opressão e à exploração capitalista.

É POSSÍVEL DERROTAR BOLSONARO! MOBILIZAR É O CAMINHO!

As mulheres têm protagonizado enfrentamentos importantes contra os governos conservadores e ultraliberais em diferentes partes do mundo. Mesmo durante a pandemia, impulsionaram greves gerais na Polônia e em Myanmar. No primeiro país para derrotar um projeto reacionário que restringia o acesso ao aborto; no segundo, para resistir a um golpe militar. Também saíram às ruas na Argentina, para garantir a legalização do aborto, e no México, para denunciar a violência crescente contra as mulheres.

No Brasil, as mulheres já expressaram sua reprovação ao projeto de Bolsonaro, antes



Manifestação em São Luís (MA)

mesmo de ser eleito, com os atos do “Ele não”. E, desde 2019, formam o setor que pior avalia a atual gestão do governo federal. Motivos para isso não faltam, já que são as mulheres trabalhadoras e pobres das periferias, em especial as mulheres negras, que mais sentem os efeitos da pandemia e da crise, ambas agravadas pela política genocida desse governo.

Não por acaso, são imagens de mulheres negras que ficam particularmente evidentes nas cenas que mostram as filas para

pegar osso no açougue ou de pessoas garimpando caminhões de lixo, desmascarando o aprofundamento das desigualdades de classe no país.

Considerando esta realidade, as manifestações de sábado foram aquém do potencial que poderiam alcançar. Não porque as mulheres trabalhadoras da cidade e do campo não queiram lutar, mas porque o desmonte das mobilizações, promovido pelas direções das grandes centrais sindicais e dos partidos de esquerda (PT, PCdo B e parte do

PSOL) frearam a explosão que poderia ter acontecido.

Poderíamos ter construído um novo “Ele não”, que apontasse para uma greve geral e, assim, colocasse em pauta a derubada imediata de Bolsonaro; mas a priorização do projeto eleitoral, com a candidatura de Lula através de uma frente ampla, tem sido uma barreira para que mulheres e homens trabalhadores se rebelem.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EHUZSP](https://bit.ly/3EHUZSP)

SAÍDA

Lutamos pelo Fora Bolsonaro e pelo fim do capitalismo!

Não dá pra esperar que as eleições mudem a nossa vida. Cada dia a mais sob este governo significa mais miséria e mortes para as mulheres trabalhadoras. Por isso, o único caminho possível é seguir lutando para colocá-lo para fora, juntamente com Mourão, Damare e seus ministros canalhas.

Contudo, sabemos que a condição das mulheres, seja em relação os índices de violência, seja em relação às desigualdades sociais, estão se deteriorando há muito tempo. Há décadas, todos os governos que passam por Brasília nada fazem de efetivo para enfrentar o pro-

blema. Mesmo os governos do PT se calaram frente a pautas históricas, como a legalização do aborto ou a criminalização da LGBTfobia.

E isto foi assim porque sob o capitalismo é impossível por fim ao machismo. Apesar de qualquer diferença entre eles, todos estes governos, de FHC, Lula, Dilma, Temer ou Bolsonaro têm um elemento em comum: representam os interesses da burguesia. E, para manter os lucros deste setor da sociedade, é preciso perpetuar e intensificar a opressão e a exploração das mulheres.

Por isso, nossa luta por cada pauta democrática que esse sistema nos nega deve ser combinada com a luta para por fim a esse mesmo sistema. Somente destruindo o capitalismo é que vamos, de fato, enterrar o bolsonarismo e seu projeto genocida.

Somente destruindo o capitalismo, iremos poder construir as bases para a superação do machismo e de todas as formas de opressão e, assim, avançarmos para a construção de uma sociedade baseada na igualdade plena de direitos e que garanta condições dignas de vida. Lu-



temos pelo socialismo! Uma luta que, no momento, também passa pela construção

de um Polo alternativo, com independência de classe, socialista e revolucionário!

APÓS A COVID-19

Brasil desce a ladeira: fome, desemprego e carestia estão longe de terminar



DA REDAÇÃO

No rastro das mais de 600 mil mortes causadas pelo coronavírus, há outra pandemia, contudo, que também está longe de terminar: a da fome, do desemprego e da inflação. O ano termina com recessão, alta do desemprego, inflação na casa dos 10% e uma queda drástica na renda. E sem qualquer expectativa de melhora.

A economia deve fechar 2021 no mesmo patamar que 2019 e 2020, quando já enfrentávamos uma grave crise econômica e social. Mas, agora, num cenário de terra arrasada. Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra

de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE, o desemprego encerrou o terceiro trimestre do ano em 12,6%, ou 13,5 milhões de pessoas sem trabalho.

Ainda que o critério do IBGE subnotifique o desemprego, esta é a taxa mais alta registrada neste mesmo período desde 2012, só perdendo para o ano passado. E, mesmo assim, o que se “recuperou” dos empregos foi puxado pela informalidade. O índice é simplesmente o dobro da média mundial e o 4º maior desemprego dentre as 40 principais economias do mundo.

INFLAÇÃO DISPARA E RENDA DESPENCA

Em 2022, a inflação, por sua vez, segundo previsão de

analistas do mercado financeiro, deve desacelerar para algo próximo de 5%. Mas isso após ter fechado este ano em mais de 10%. Ou seja, no melhor cenário, os preços, já nas alturas, vão continuar subindo, apenas de forma mais lenta. Como resultado da inflação e do desemprego, do ano passado para cá, a renda média despencou 11,1%.

Desemprego, inflação e queda na renda impactam no orçamento das famílias e causam um endividamento recorde. Levantamento do Serasa revela que nada menos que 75% das famílias estão endividadadas. Três em cada 10 dos inadimplentes sofrem com o desemprego.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PHMIIA](https://bit.ly/3PHMIIA)



Para piorar ainda mais, o fim do auxílio-emergencial e do Bolsa Família, substituído pelo Auxílio Brasil, deixa de fora 22 milhões de famílias que dependiam desses programas durante a pandemia. Serão R\$ 11 bilhões a menos para progra-

mas de transferência de renda, em 2022. Isso significa que o flagelo da fome, que já atinge 19 milhões de brasileiros (com 116 milhões sobrevivendo com algum tipo de insegurança alimentar), só tende a se agravar, ainda mais.

DESIGUALDADE

Em meio à miséria, super-ricos fazem a festa



Enquanto a maior parte da população brasileira não consegue comer o suficiente para se manter, na outra ponta, cresce o

número de bilionários. Em 2020, o país “ganhou” 33 novos bilionários. Neste ano, 42 super-ricos passaram a figurar na seleta lista

dos que tem fortunas superiores a US\$ 1 bilhão (cerca de 5,6 bilhões de reais), totalizando 315 pessoas que acumulam, juntas, uma fortuna de R\$ 1,9 trilhão. Ou mais de 1/4 de todo o Produto Interno Bruto (PIB). O 1% dos super-ricos detinham, em 2021, a metade de toda a riqueza do país.

Outro reflexo do aumento desse abismo social está no crescimento do mercado imobiliário de luxo. Ao mesmo tempo em que multidões se apinham para dis-

putar ossos, milhões sequer conseguem pagar seus aluguéis e aumenta o número dos que vivem nas ruas, a venda de apartamentos de alto padrão e mansões teve o maior crescimento desde 2014.

A pandemia aprofundou e acelerou ainda mais as desigualdades sociais, na esteira da regressão e decadência capitalista. A política econômica ultraliberal de Bolsonaro e Guedes, por sua vez, privilegia ainda mais os 0,1% dos super-ricos em detrimento da classe trabalhadora

de conjunto e da massa de desempregados cada vez maior. E diante do agravamento da crise, dobram a aposta nesta mesma política.

A equipe econômica prepara agora uma nova Reforma Trabalhista que, dentre as mais de 300 mudanças propostas, acaba com a folga aos domingos, legaliza o locaute de empresários e proíbe que trabalhadores de aplicativos sejam enquadrados na CLT, institucionalizando ainda mais o trabalho precário.

CRISE GLOBAL

Aprofundamento da crise capitalista mundial

A crise e o aumento das desigualdades não são fenômenos limitados ao Brasil, mas parte da crise capitalista mundial. Segundo o Relatório de Comércio e Desenvolvimento da Conferência

das Nações Unidas (UNCTAD), em 2002, o crescimento global deve desacelerar 3,6%, deixando a renda mundial 3,7% abaixo do nível pré-pandemia. Uma perda acumulada de renda de cerca de

13 trilhões de dólares.

A inflação e a desigualdade na vacinação, por sua vez, devem aprofundar ainda mais o abismo entre países ricos e pobres. A fome, por exemplo,

explodiu na América Latina e no Caribe como em nenhuma outra região do planeta, aumentando em quase 80%, desde 2014, segundo a Organização Pan-Americana da

Saúde (OPAS). Em apenas um ano, 13,8 milhões habitantes da região passaram a conviver com a fome e a insegurança alimentar atinge 41% da população.

PROGRAMA

Enfrentar os super-ricos para garantir emprego, salário, terra e renda

A fome causada pelo desemprego em massa e a inflação, assim como a carestia e a precarização do trabalho, são produtos da crise capitalista e imperialista, agravada pela pandemia e a política ultraliberal de Bolsonaro e Paulo Guedes.

Neste cenário de caos social, precisamos de um programa emergencial dos trabalhadores, que retome de imediato o auxílio a todos os que necessitem, no valor de um salário mínimo. Mas só isso não basta, é preciso inverter a lógica do capitalismo imperialista e atacar a pilhagem do país e os lucros e propriedades das grandes empresas, fundos de investimentos e bancos internacionais e nacionais, enfrentando os super-ricos para garantir condições dignas à população.



Emprego, salário e renda para todos

- Redução da jornada de trabalho para 6 horas, sem redução dos salários. Isso permitiria absorver grande parte dos desempregados.
- Aumento geral dos salários, duplicando o salário mínimo, rumo ao mínimo do Dieese (atualmente de R\$ 5.657,66).
- Fim da precarização do trabalho, com a revogação da Reforma Trabalhista e da Lei das Terceirizações, com a expropriação das empresas que demitirem, colocando-as sob controle dos trabalhadores.
- Plano de obras públicas que, ao mesmo tempo em que garanta trabalho a quem precise, ajude na solução de problemas históricos, como saneamento básico e moradia.
- Auxílio-emergencial de um salário mínimo para todos que não têm emprego, até haver pleno emprego



Em defesa dos serviços públicos

A pandemia foi um teste duríssimo para a saúde pública do país, demonstrando sua falência, hoje, depois de décadas de sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e da privatização da assistência médica.

No meio do caos, setores privados e criminosos, como a PreventSenior, enriqueceram. Como fruto da associação corrupta com governos municipais, estaduais e o federal, vários grupos empresariais cresceram, duplicando ou triplicando seu patrimônio. Em 2021, o dono da rede de hospitais D'Or, Jorge Moll Filho, se transformou no terceiro maior bilionário do país.

Todos os setores públicos sofrem com o mesmo processo de sucateamento e ataques sistemáticos por parte do governo, com os direitos dos trabalhadores ameaçados pela Reforma Administrativa e o corte de verbas que praticamente inviabilizam áreas como a pesquisa. Até mesmo o Enem está ameaçado pela ofensiva do governo de ultradireita.

- Estatização da saúde, com a expropriação dos hospitais e grupos privados.
- Aumento de verbas para a saúde, valorização do SUS e dos servidores.
- Educação pública e gratuita para todos níveis, com o aumento de verbas. Expropriação dos grupos privados e acesso livre às universidades.
- Aumento do investimento para pesquisa e produção científica.
- Garantia de transporte público de qualidade, com a estatização das empresas privadas, rumo à gratuidade do serviço.



Impedir a entrega do país e romper com o imperialismo

Os países ricos e suas multinacionais, fundos de investimento e bancos controlam nosso país. Dominam a indústria, a produção agropecuária, as finanças e avançam sobre o comércio. Os fundos financeiros estrangeiros têm participação decisiva nas principais empresas do país, sejam públicas (como a Petrobrás) ou privadas. A burguesia nacional está cada vez mais associada (de maneira subalterna) às multinacionais e aos países ricos, tornando-se acionista minoritária de propriedades, que repassa para o controle multinacional.

Essa dominação do capitalismo imperialista faz com que o país tenha seu centro econômico determinado pelo mercado mundial. É isso que faz com que, hoje, exista uma lógica de desindustrialização e reprimarização (produção voltada para a exportação de produtos básicos, como agrícolas e minerais, em relação aos industrializados ou manufaturados) do país. É também em função da dominação das multinacionais que o país está em decadência. É preciso romper com o imperialismo (o sistema mundial capitalista dominado pelos países ricos e seus monopólios internacionais), revertendo a decadência do país.

- Não pagar a dívida pública aos grandes banqueiros e acionistas
- Proibição da remessa de lucros para fora
- Reestatização das empresas privatizadas, como a Vale e Petrobrás, defendendo que sejam 100% estatais, sob controle dos trabalhadores
- Expropriação das multinacionais e fundos financeiros



Contra todas as formas de opressão

O capitalismo é um sistema de exploração e de opressão. Ao mesmo tempo em que ataca os direitos da classe trabalhadora, a burguesia promove uma verdadeira ofensiva especialmente sobre os setores oprimidos da classe trabalhadora, dos setores populares e da juventude, reforçando ideologias reacionárias como machismo, racismo, xenofobia e LGBTfobia (que justificam a violência ou naturalizam a desigualdade e a discriminação), ou investindo contra direitos e conquistas democráticas, como o direito ao aborto, as cotas para negros e negras ou demarcação e titulação das terras indígenas e quilombolas.



Por um governo socialista dos trabalhadores

A história do Brasil sob a sombra das potências europeias e do capitalismo é a história de 521 anos de exploração, genocídio, escravidão e submissão. Para mudar, de fato, a vida da classe trabalhadora e do povo pobre, fazendo com que a economia e a produção funcionem para todos, e não para menos de 0,1%, é preciso uma revolução social, que coloque os trabalhadores no governo. Precisamos de um governo socialista dos trabalhadores, que governe através de conselhos populares.

É necessário organizar a luta da classe trabalhadora e construir uma alternativa que defenda esse projeto socialista e revolucionário, e mude pra valer essa história.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Y8RDYB](https://bit.ly/3Y8RDYB)

ELEIÇÕES 2022

PSDB e o retrato da decadência burguesa

JULIO ANSELMO,
DA REDAÇÃO

Diante de uma crise já instalada, e para tentar aparar arestas e se dar um ar de “democrático”, o PSDB realizou uma eleição prévia para escolher seu candidato à presidência do país, dentre os três nome que se apresentaram: o ex-prefeito de Manaus Arthur Virgílio; o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, e o governador de São Paulo, João Dória.

Se nos Estados Unidos as prévias partidárias já são um jogo de cartas marcadas trágicas, aqui o sonho do PSDB terminou em pesadelo e em comédia. Até o papel da grande mídia saiu pela culatra, já que o destaque desproporcional dado para as prévias (incluindo a transmissão ao vivo de um debate), só serviu para aumentar o tamanho da vergonha alheia, que envolveu denúncias de fraudes, compra de votos, acusações de manobras entre os candidatos e, por fim, falhas e queda do aplicativo, o que resultou na suspensão do processo por uma semana.



João Dória foi o vencedor. Mas isso não unificou o PSDB e nem parece ter empolgado muito qualquer uma das alas do partido.

FRATURAS E FALCATRUAS EXPOSTAS

Um primeiro fato que salta aos olhos é como a burguesia e a direita brasileiras estão divididas e sem acordos mínimos sobre qualquer coisa. Dentro de um dos principais partidos da burguesia brasileira, além de não haver acordo sobre quem deveria ser o candidato, as fra-

turas estão ficando cada vez mais expostas.

O problema começa com os erros que cometeram nos últimos tempos. O PSDB foi alvo de operações contra a corrupção, por mais que tenha sido preservado por Moro e demais setores da justiça, e Aécio Neves e outros figurões da legenda estiveram envolvidos na maioria das maracutaias investigadas nos últimos anos. É isso que explica a ascensão de “novos políticos”, como Dória e Eduardo Leite, tentando renovar a legenda.

A HIPOCRISIA DO PSDB FOI DESMASCARADA

O que antes era o “partido da direita” no Brasil, deu lugar, nas últimas eleições, ao PSDB bolsonarista. Basta lembrarmos da campanha “BolsoDória”. Mais atrás, o partido votou a favor do impeachment de Dilma, dando aval ao governo Temer e ocupando, inclusive, cargos e ministérios. Hoje, tem muitos laços com o bolsonarismo, com seus parlamentares, por exemplo, votando alinhados com o governo federal.

Ou seja, os tucanos falam em defesa da democracia, ao

mesmo tempo em que serviram de abrigo e deram munições aos setores mais autoritários e antidemocráticos do país. Além disso, a crise é também do seu projeto econômico. Seu programa, de certa maneira, foi implementado por Temer e está sendo aprofundado com requintes de crueldade por Paulo Guedes. O velho programa capitalista neoliberal clássico está ruindo a olhos vistos no país.

NOVA DIREITA

Mas a natureza da crise do PSDB está relacionada, também, ao surgimento de uma nova direita que, ao mesmo tempo em que “roubou” e aprofundou seu programa econômico, ainda apareceu como mais radical. E diante do aumento da polarização e das crises sociais, a radicalização ganha peso. E, se não bastasse, agora, quando tenta disputar o espaço da “terceira via”, o PSDB tem que se enfrentar com a popularidade de Sérgio Moro, que é um bolsonarista “nem tão obscurantista assim”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EJVOQ8](https://bit.ly/3EJVOQ8)

MENOS ESPAÇO PARA MODERAÇÃO

Tucanos e a crise do capitalismo

O capitalismo brasileiro, na esteira do mundial, não está conseguindo garantir as necessidades mais imediatas do povo, enquanto a burguesia exige cada vez mais lucros. O regime político, a forma de organização da sociedade, as relações econômicas atuais e o predomínio do poder econômico contribuem para que nada mude e o país siga dominado pelos países imperialistas, com os ricos, aqui, ficando ainda mais ricos e os pobres tendo que trabalhar cada vez mais, tendo cada vez menos direitos.

A crise capitalista é muito grande. O sistema capitalis-

ta atual é incapaz de resolver até mesmo os problemas elementares do povo brasileiro. Os interesses dos trabalhadores, da burguesia e das classes médias estão abertamente em choque dentro da sociedade. E é daí que vem a polarização. Por isso, há cada vez menos espaço para moderação no país e sejam buscadas alternativas nos extremos, tanto de direita quanto de esquerda.

Por isso, aquilo que já foi a “direita moderada”, agora, capitula à ultradireita. A crise do PSDB é uma crise programática e de identidade; mas também é expressão da deca-

dência da própria burguesia brasileira. A bolsonarização do PSDB, da direita e da política brasileiras é fruto do que é a própria burguesia, que topa tudo em defesa dos seus interesses; que é, desde sempre, reacionária, arcaica e ignorante, e, ainda, não tem pudor em fazer o que for preciso para se manter no poder.

PT: COM OUTRA ALA DA BURGUESIA

Em meio à polarização está o petismo, que aparece como alternativa viável ao Bolsonarismo. O problema é que, enquanto a direita se radicaliza, se bolsonarizando,

o PT vai se moderando cada vez mais. O PT e a maioria da esquerda vêm capitulando cada vez mais à burguesia e à direita, como demonstra o flerte com Alckimin, buscando acordos e defendendo um programa para se manter nos marcos do capitalismo.

O que dificulta a vida dos trabalhadores não é a polarização em si, mas o fato de que ela é torta e mambembe, com o PT levando-os a apoiar um setor da direita ou uma ala da burguesia contra a outra. É isto que dificulta que os trabalhadores apareçam com peso, com uma alternativa radical, socialista e re-



volucionária. Algo que se faz necessário, ainda mais neste momento, para derrotar a ultradireita e os reacionários e atender as reivindicações do nosso povo.

PANDEMIA

A variante Ômicron e a quebra de patentes



POR: WILSON HONÓRIO DA SILVA, DA SECRETARIA DE FORMAÇÃO DO PSTU; E AMÉRICO GOMES, DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES (LIT- QI)

Desde o início da pandemia, estamos denunciando o apartheid de vacinas criado pelo imperialismo. A “quarta onda”, que assola a Europa, e a nova mutação do coronavírus, chamada Ômicron, provam que estávamos corretos em afirmar que os governos nacionais, de todos os países, e as grandes multinacionais estavam, e ainda estão, mais interessados em garantir seus lucros do que a vida da classe trabalhadora.

Foi por isso que os países do continente africano receberam uma quantidade muito inferior de vacinas do que necessitam, fazendo com que as percentagens de população vacinada sejam muito baixas.

FRONTEIRAS FECHADAS

A nova cepa do vírus causador da Covid-19 foi identificada por cientistas sul-africanos, em 24 de novembro, e, apesar de que, dias depois, foi noticiado que, pelo menos desde o dia 19, já havia pessoas com o ômicron na Holanda, ela passou rapidamente a ser identificada como a “variante africana”. O que

foi respondido de uma forma que nos enche de indignação.

A reação dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos vassallos do imperialismo, como o Brasil, ao invés de desenvolver um movimento de solidariedade para com os países do sul da África, ou uma mobilização para apoiá-los com vacinas e pessoal médico, foi fechar as fronteiras a esses países, suspendendo voos e conexões aéreas.

As evidências de que a medida tem muito mais a ver com a marginalização e discriminação históricas que cercam o continente africano podem ser exemplificadas por dois fatos: por um lado, a Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que não há informações suficientes sobre a nova variante que justifiquem medidas extremas; por outro, há notícias generalizadas de que a 4ª onda na Europa está muito forte e, mesmo assim, estas conexões aéreas foram mantidas, inclusive no que se refere a Holanda.

No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) emitiu uma recomendação ao governo de

suspensão imediata de voos procedentes de seis países: África do Sul, Botsuana, Eswatini (antiga Suazilândia), Lesoto, Namíbia e Zimbábue. E mesmo sabendo que a nova variante (detectada em Botsuana e na África do Sul) também tenha sido detectada em Hong Kong, Israel e Bélgica e muitos outros países da Europa, o governo Bolsonaro, agora quer barrar os viajantes de mais quatro países africanos: Angola, Malawi, Moçambique e Zâmbia.

IMPERIALISMO E O GENOCÍDIO DOS MAIS POBRES

Em novembro de 2020, a OMS afirmou que faria uma distribuição equitativa de vacinas pelo mundo inteiro, quando o Reino Unido e a União Europeia bloquearam os pedidos de um grupo de países liderados pela África do Sul e pela Índia para que as patentes fossem liberadas, de modo que pudessem aumentar sua produção e aumentar a disponibilidade de vacinas para os países pobres. Mas tudo não passou de uma nova mentira.

Cerca de 60% das vacinas produzidas em 2021 es-

tão sendo monopolizadas por Estados que representam 16% da população mundial. Além disso, 76% das doses aplicadas foram concentradas nos dez países mais ricos do mundo. Das 6,4 bilhões doses de vacinas administradas globalmente, apenas 2,5% foram na África, embora o continente seja responsável por pouco mais de 17% da população mundial.

A solução para a escassez de vacinas proposta pelo imperialismo foi a iniciativa Covax, um programa criado pela OMS para distribuição da vacina, à qual 72 países aderiram. Mas, sua meta máxima, em 2021, era imunizar 20% da população mundial, um índice evidentemente insuficiente. Para os países em piores condições financeiras, limitava-se a redistribuir os excedentes. Isto é, somente as sobras dos países ricos. E mais: a verba do programa para a compra de vacinas é de US\$ 2 bilhões, quando seriam necessários US\$ 5 bilhões.

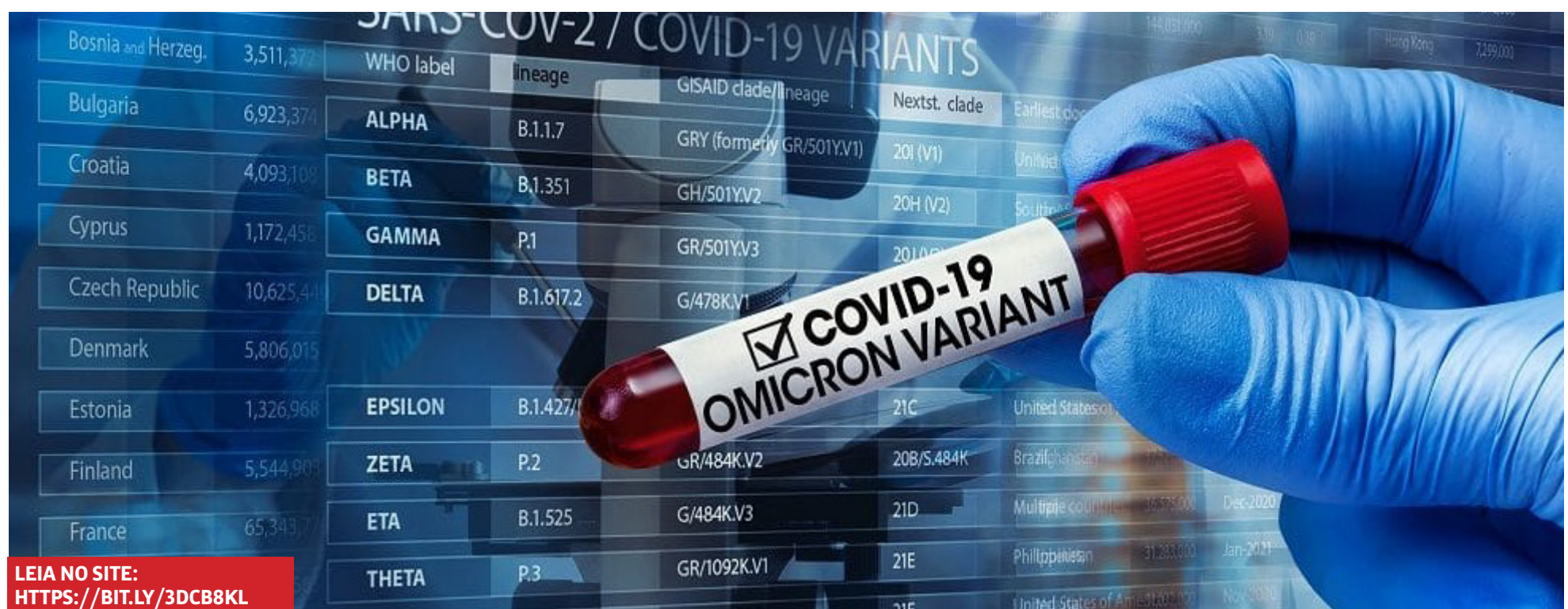
Nem mesmo o objetivo infimo da OMS (de que todos os países vacinassem pelo menos 10% de sua população) foi cumprido. Na prática, mais de 50 países não conseguiram cumprir essa meta, a maioria

deles na África, onde apenas cerca de 7% dos habitantes do continente estão totalmente vacinados, em comparação com os 42% da população global. E vale lembrar que a meta inicial, que era entregar 620 milhões de doses para a África, agora, baixou para 470 milhões, o que só alcança 17% da população da África.

DESIGUALDADE OBSCENA E PERIGOSA

Na África do Sul, país que tem o mais alto índice de vacinação no continente, onde oficialmente mais de 90 mil pessoas perderam suas vidas, apenas 24% receberam as duas doses. Nos demais países a situação é pior: 18% no Zimbábue; 11%, em Moçambique e Namíbia; e apenas 3% no Malawi. A metade dos 54 países vacinou menos de 2% de sua população.

Como as patentes das grandes multinacionais não foram quebradas, os países com mais dificuldades econômicas ficam para trás na vacinação, como é o caso de todo o continente africano, enquanto a grande indústria farmacêutica continua ganhando muito dinheiro e tendo muito lucro, colocando em risco o conjunto da humanidade.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DCB8KL](https://bit.ly/3DCB8KL)

COM A COVID

Crescem a miséria e a fome na África

A pandemia potencializou o sofrimento, o desemprego e a fome do povo no continente africano. O vírus, que tem origem no lucro capitalista e na relação que grandes multinacionais mantêm com a natureza, teve efeitos devastadores no planeta.

Na África, o aumento da pandemia foi gradativamente destruindo os frágeis sistemas de saúde desses países. Mesmo com subnotificações, a África teve um aumento de 30% nas infecções e implementou menos medidas de saúde pública do que qualquer outro continente.

O fechamento de fronteiras, como novamente está se realizando, tem sido prejudicial não apenas para o turismo, mas também para o setor informal na África. Um relatório da Oxfam previu que o impacto econômico da pandemia poderia atrasar o desenvolvimento de algumas regiões do continente em 30 anos.

Atualmente, a queda da

renda familiar na África é 20% maior do que a verificada no resto do mundo. Algo que está jogando mais pessoas para abaixo da linha da pobreza: em 2019, em todo continente, 135 milhões viviam nessas condições; no final de 2020, esse número dobrou.

Na África como um todo, 19% da população está subnutrida (mais de 250 milhões de pessoas). Mulheres e meninas representam mais de 70% das pessoas que sofrem de fome crônica. A pandemia vem afetando suas condições alimentares, familiares e culturais, inclusive com o aumento de vítimas de agressões sexuais.

Nem mesmo os minguados programas de estímulo social criados por alguns governos imperialistas existem nos países africanos. Além disso, na maioria dos países africanos, a aprendizagem virtual simplesmente não existe e centenas de milhões de pessoas vivem em economias informais.

SEM VACINA SEQUER NA LINHA DE FRENTE DE COMBATE À PANDEMIA

Essa situação, obviamente, tende a piorar com o surgimento da variante Ômicron, cuja existência, por si só, prenuncia mais sofrimento e mortes. Segundo estudos publicados até o momento, o Ômicron pode ser uma mutação mais infecciosa, algo que, lamentavelmente, pode estar se comprovando na realidade. Na África do Sul, em 16 de novembro, os relatórios oficiais registraram 273 casos. Uma semana depois, o número de pessoas contagiadas subiu para 1.275. E, no dia seguinte, dobrou: 2.465.

Isto em um contexto no qual mesmo entre os profissionais de saúde as taxas de vacinação são terrivelmente baixas. Apenas 27% dos profissionais de saúde na África foram totalmente vacinados, em contraste com os mais de 80% dos profissionais do se-



tor vacinados em países de alta renda, segundo a OMS. Em apenas seis países africanos houve 90% de cobertura vacinal dentre os profissio-

nais de saúde e nove outros vacinaram totalmente menos de 40% dos trabalhadores da linha de frente do combate clínico e sanitário.

SAÍDA

Quebrar patentes para estender a vacinação



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DCB8KL](https://bit.ly/3DCB8KL)

Uma tarefa de primeira ordem, urgente, é organizar a luta para quebrar os direitos de propriedade intelectual, não só das vacinas, mas de todos os medicamentos e qualquer tecnologia médica necessária para conter a Covid-19.

As patentes permitem que as indústrias farmacêuticas e outras empresas explorem uma invenção, no caso as vacinas, por 20 anos, a partir de sua divulgação. Ou seja, é um instrumento jurídico para que as grandes empresas garantam o monopólio de produtos científicos e novas tecnologias.

São estas regras de “proteção intelectual” que funcionam como barreira para que as vacinas não sejam produzidas em países que não detêm estas patentes, mas tem capacidade indus-

trial adequada para fazê-la, inclusive estando ociosa neste momento como é o caso do Canadá, Brasil, México, Argentina, Índia, Egito e Coréia do Sul. Só o Instituto Serum, da Índia, é capaz de produzir 1,5 bilhão de doses por ano.

Prova de que, sem esta barreira, seria possível a produção e o abastecimento da vacina em massa, agilizando sua aplicação em todos os países.

UMA POLÍTICA CLASSISTA E ANTI-IMPERIALISTA

Precisamos que a classe trabalhadora e seus setores mais explorados e oprimidos (pelo racismo, o machismo, a LGBTIfobia, a xenofobia etc.) se coloquem à frente desta luta. Os processos de mobilização indicados nas revoltas que ocorrem no Se-

negal, Angola, Argélia, Sudão e outros países do continente mostram que há um potencial revolucionário.

Mas, para isso, é necessário construir organizações da classe trabalhadora internacional que, através da democracia interna, possam centralizar e liderar a luta de classes, que possa ser a expressão consciente deste processo e dos combates em curso, inclusive em defesa da vida diante da pandemia.

Para isso, é fundamental que os trabalhadores e trabalhadoras do continente africano, que estão na vanguarda destas lutas, construam organizações revolucionárias em seus países. Não há outra saída. Caso contrário, nossos irmãos e irmãs neste vasto e rico continente continuarão vivendo este massacre e este genocídio.

RAÇA E CLASSE

PSTU realiza I Encontro Nacional de Mulheres Negras



SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS

Entre 26 e 28 de novembro, o PSTU realizou o I Encontro Nacional de Mulheres Negras (I ENMN). Um encontro histórico, fruto de deliberação do V Encontro Nacional de Negras e Negros do PSTU, realizado em novembro de 2019.

Em virtude da pandemia, o Encontro aconteceu de forma virtual, mas nem por isso deixou de ser emocionante. Foram 46 mulheres negras delegadas, além de mais algumas dezenas de convidadas, de diferentes regiões do país, com um perfil classista e representativo da realidade e diversidade das mulheres negras brasileiras: operárias, estudantes, professoras, bancárias, lésbicas, mulheres transexuais, indígenas e moradoras de ocupações, dentre outras.

Também participaram, como convidados e convidadas, mulheres e homens (brancas/os e negras/os), representantes da direção nacional do PSTU e da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT), com representações da Argentina e da Guiné-Bissau.

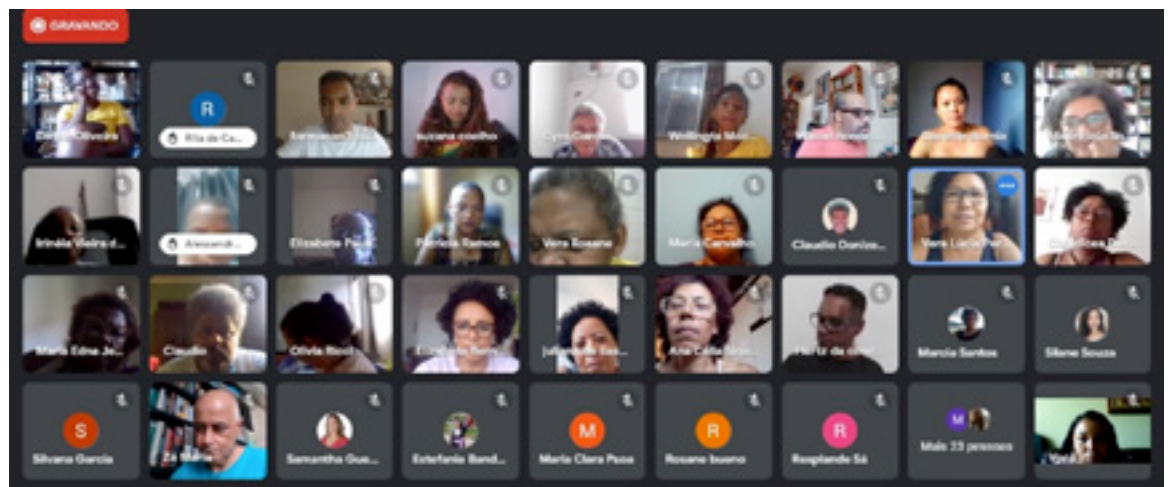
Participações das quais nos orgulhamos muitíssimo, tanto por nossa perspectiva interna-

cionalista, quanto por reafirmar nossa convicção de que, se as opressões e fronteiras tentam nos dividir e nos enfraquecer, uma das maiores necessidades na luta pela revolução socialista é a (re)construção da unidade dentre os trabalhadores e seus setores mais oprimidos, o que implica na luta, aqui e agora, para que a classe operária combata as opressões, em todas suas formas e onde quer que se manifestem.

O Encontro também foi uma demonstração da importância das mulheres negras para este debate, já que – até mesmo por estarem entre as mais oprimidas e exploradas – são capazes de contribuir muitíssimo nas elaborações sobre como combinar a luta contra a opressão com as demais demandas da classe trabalhadora, numa perspectiva revolucionária. Uma batalha que, respeitando as especificidades dos setores diretamente atingidos pela opressão, também seja alicerçada naquilo que é fundamental: a independência e consciência de classe.

“UM ENCONTRO HISTÓRICO E NECESSÁRIO”

Foi assim que Vera Lúcia, operária nordestina e candidata à presidência, em 2018, sintetizou o Encontro. “O I



Vera Lúcia

ENMN, realizado a partir da Secretaria Nacional de Negras Negras (SNNN) e da Direção Nacional do PSTU, ocorreu num momento importantíssimo na história do partido e da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI) e nos permi-

tiu entender algumas das especificidades das opressões que vitimam as mulheres negras da classe trabalhadora e, ao mesmo tempo, conectá-las com as questões gerais presentes no capitalismo”, destacou Vera.

“É importante ressaltar que, por mais de um mês, todos os militantes do PSTU debateram os documentos do I ENMN e não apenas a mulheres negras. Como também, tanto na sua preparação e debates quanto durante o evento, o Encontro contou com a participação de representantes de nossas secretarias de Mulheres, de Formação, Sindical, das companheiras LGBTIs e de outros setores”, ressaltou Vera, que também é dirigente da SNNN.

“Dessa forma, o partido inteiro – a partir das elaborações que tratam do racismo, do machismo e da LGBTIfobia que afetam as mulheres negras cisgêneros (que se identificam com o gênero que lhe é atribuído socialmente desde o nascimento, com base no sexo biológico), lésbicas ou trans – se dedicou ao estudo e ao debate, para tentar entender como e porquê essas opressões, combinadas com a exploração capitalista, condenam as mulheres negras de nossa classe à exploração mais intensa, lhes causando um vida inteira de sofrimentos profundos e diversos”, concluiu Vera.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3RKGFG5](https://bit.ly/3RKGFG5)

CAMINHOS

O que foi debatido neste Encontro?



Shirley Silvério

Shirley Silvério, moradora da Cidade Tiradentes (periferia da Zona Leste de São Paulo) e candidata à vereadora, no ano passado, destacou alguns dos principais temas discutidos. “Nos centramos em discutir a realidade das mulheres negras trabalhadoras, como elas enfrentam as opressões de classe, raça, gênero, orientação sexual, origem regional etc., diariamente, e quais são os projetos que se apresentam como alternativas aos seus problemas”, lembrou Shirley.

“Para tanto, fizemos um resgate histórico sobre o impacto de 388 anos de escravidão e de uma abolição sem nenhuma reparação, nas vidas de nós, mulheres negras, no século 21, em termos de trabalho, salário, desemprego, fome, moradia, saúde, violência, etc. Além disso, fizemos um debate teórico acerca das origens e causas das opressões e como o sistema capitalista se utilizou e se utiliza delas ainda hoje”, destacou.

“As mulheres negras são a maioria da população e

da classe trabalhadora e sofrem, também, com o racismo e a violência contra os homens negros. São linha de frente na defesa de suas famílias contra a violência policial. A LIT-QI e o PSTU têm no seu programa a defesa dos mais explorados e oprimidos pela burguesia e o sistema capitalismo. O Encontro arma a militância para combater o racismo, o machismo e a LGBTIfobia, mas também as ideologias liberais e individuais (como

o empoderamento), que tentam desviar a luta da classe trabalhadora, dizendo que seus problemas serão resolvidos defendendo o capitalismo (ou por dentro do sistema) e junto com a burguesia. Nós dizemos não. A saída para as mulheres negras passa pela unidade com toda classe trabalhadora, para derrotar a burguesia”, concluiu Shirley.

Por isso, um tema que atravessou os debates foi exatamente a importância de uma pers-



Patrícia Ramos

pectiva classista e de uma estratégia socialista na luta contra o machismo, como foi destacado pela professora Patrícia Ramos, candidata, nas últimas eleições, à prefeitura de Mariana (MG), lembrando que, diferentemente dos que limitam as lutas das mulheres negras ao sistema capitalista, o I ENMN apontou para outro caminho.

“A luta contra o racismo e o machismo não pode ser

desconectada da luta contra a exploração capitalista. Nunca é demais lembrar que, ainda quando dava seus primeiros passos, nos anos 1500, o sistema capitalista se alimentou da escravidão e do tráfico para acumular o capital com o qual bancou seu projeto de poder”, disse Patrícia.

“Como também é importante lembrar que, até hoje, a fonte das riquezas apropriadas

privadamente pela burguesia vem diretamente da exploração da classe trabalhadora que, no Brasil, é majoritariamente negra. E, particularmente neste momento, quando o capitalismo atravessa uma das maiores crises de sua história, todas as formas de opressão são utilizadas para superexplorar ainda mais enormes setores da população, cuja marginalização histórica torna mais

vulneráveis ao desemprego, à precarização do trabalho e, consequentemente, à fome e à miséria. Nós, mulheres negras somos, exemplares neste sentido. Somos quase 1/3 da população brasileira. Estamos em todos os setores da classe trabalhadora, principalmente, nos mais precarizados. Não vamos recuar na luta pela emancipação da nossa gente, da nossa classe”, concluiu Patrícia.

POSIÇÕES

As relações entre o debate teórico, o programa e as práticas políticas



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3RKGF5](https://bit.ly/3RKGF5)

Um dos pontos altos do I ENMN foi um dia de debates envolvendo algumas das ideologias presentes nas organizações negras, tais como colorismo, empoderamento negro, empreendedorismo negro e Mulherisma Africana, bem como suas relações com conceitos pós-modernos e reformistas que – apesar de soarem radicais – vêm servindo como meios de desviar a luta contra o capitalismo, como são as concepções e práticas que giram em torno de questões como “lugar de fala”, “interseccionalidade” e “racismo estrutural”.

Por isso, uma das deliberações do Encontro foi dar mais destaque para estes debates em nossas publicações e redes sociais. De imediato,

Vera destacou a importância de termos nos debruçado sobre estes temas.

“Essas teorias e concepções são baseadas no indivíduo, se apoiam, geralmente, nas perspectivas e no modo de vida de um setor da classe média e da pequena burguesia negras e, consequentemente, negam o papel fundamental desempenhado pelas classes sociais (diferenciadas, na verdade, pelas relações que têm com os meios de produção, acesso e distribuição das riquezas produzidas, e não pelo seu poder aquisitivo ou acesso ao mercado) na luta contra as opressões”, sintetizou Vera, apontando o centro de nossas divergências com todas elas.

Lembrando o esforço para

entender e problematizar as relações entre concepções teóricas e atividade prática (traduzida no programa e políticas desenvolvidos pelas organizações e movimentos), Vera também sintetizou nossas críticas às posições reformistas e pós-modernas.

“Não à toa, as lideranças e intelectuais negras que manejam essas teorias e conceitos vêm estabelecendo vínculos cada vez mais sólidos com a burguesia. Seja através de propagandas para marcas de luxo, integração em comitês “paritários” com empresas burguesas – como foi o caso de Silvio de Almeida com o Carrefour e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) –, ou indiretamente, através de

ONGs e movimentos financiados por bancos e empresas nacionais e multinacionais. Por isso dizemos que esses setores e indivíduos representam um reformismo negro que, política e ideologicamente, tentam semear ilusões de que é possível acabar com o racismo, com o machismo, com a LGBTIfobia e resolver os problemas das mulheres negras com a ajuda da burguesia e nos marcos do capitalismo”, concluiu.

UNIR A CLASSE CONTRA AS OPRESSÕES PRA FAZER A REVOLUÇÃO

Por fim, Vera ressaltou a importância estratégica que um encontro como o das Mulheres Negras e os debates que nele aconteceram têm para o conjunto do partido, da Internacional e da luta pelo socialismo.

“A destruição total das opressões só acontecerá se combinada com o fim da exploração capitalista. Ou seja, com a revolução socialista. O combate ao reformismo, às teorias pós-modernas e às iniciativas ilusórias da burguesia é, contudo, apenas parte de uma luta que tem várias facetas e dimensões, como ficou evidente durante a preparação do Encontro, quando também foram produzidos documentos discutindo temas que vão da representação das mulheres no samba às especificidades das mulheres trans negras”, disse Vera, acrescentando que uma destas facetas é fundamental

para o encarmos todas as demais: “o combate às ideologias burguesas e opressivas no interior da classe operária, seus movimentos e organizações.”

“Algumas das conclusões do I ENMN assinalam a necessidade de combater as opressões que se abatem sobre nós mulheres negras para nos fortalecermos, ganharmos mais mulheres negras para nossas fileiras e, sobretudo, para unir a classe trabalhadora. Nesse sentido, a luta contra o machismo, o racismo, a LGBTIfobia, a xenofobia etc., também precisa ser feita no seio da classe trabalhadora. Afinal, as opressões dividem os explorados e o nosso objetivo é unificá-los para a luta contra nosso inimigo comum: a burguesia e o imperialismo”, ressaltou Vera.

“Por isso mesmo, precisamos estimular a organização, a solidariedade e a mais ampla democracia e cumplicidade entre as mulheres negras e todas as mulheres e todos os homens, garantindo a unidade nas ações contra a opressão, mas, também, a independência de classe no que se refere ao nosso projeto estratégico, para derrotar a classe dominante e destruir o capitalismo, através de uma Revolução Socialista que pavimente o caminho para construirmos uma sociedade comunista internacional, sem fronteiras, sem exploração e livre de toda opressão”.

MINERAÇÃO

Com apoio de Bolsonaro, Amazônia volta a viver uma corrida pelo ouro

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

No último dia 6, o jornal “Folha de S. Paulo” publicou uma reportagem mostrando que, este ano, o general Augusto Heleno, Ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, autorizou sete projetos de pesquisa de ouro na região de São Gabriel da Cachoeira (AM). A decisão foi tomada com base a projetos encaminhados pela Agência Nacional de Mineração (ANM).

A região fica no noroeste do Amazonas, sendo conhecida como Cabeça do Cachorro. É umas das mais preservadas da floresta tropical, repleta de Terras Indígenas: há aproximadamente 23 etnias vivendo no local. A presença indígena é tão marcante que a região de São Gabriel é conhecida como a capital do nheengatu e de outras línguas de povos originários, como a dos Tukanos e Baniwas.

DESMATAMENTO

Todas as áreas autorizadas pelo general são de terras da União, vizinhas às Terras Indígenas. Trata-se, portanto, de mais uma ação do governo Bolsonaro destinada a incentivar a mineração sobre terras públicas da Amazônia, sejam elas devolutas (sem destinação pelo poder público e que em nunca integraram o patrimônio de um particular), indígenas ou Unidades de Conservação.

Aliás, essa política criminoso resultou no desmatamento de 405,36 km² da Amazônia Legal (Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins e parte do Maranhão) nos últimos cinco anos, segundo dados do Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter), do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe).

No que se refere às Unidades de Conservação, o desmate por mineração cresceu 80,62%, no primeiro trimestre de 2020, em comparação com o mesmo período do ano passado, de acordo com a ONG Greenpeace.

GENOCÍDIO DOS POVOS DA FLORESTA

Além da floresta, os povos que vivem nela são as maiores vítimas da expansão da mineração, que contamina rios, solos e pessoas, gera violência e desagrega comunidades tradicionais.

Os povos indígenas, particularmente, vivem sob a ameaça de um novo genocídio. Atualmente, mais de 3 mil requerimentos minerários sobrepostos a terras indígenas da Amazônia Legal tramitam na ANM. De acordo com o projeto “Amazônia Minada”, do InfoAmazonia, pelo menos 58 requerimentos de pesquisa ou lavra de minério foram aprovados pela agência, mesmo afetando terras indígenas, o que é proibido pela Constituição.

A mineradora Anglo American é dona de quase metade das autorizações feitas pela ANM, com 27 pedidos válidos de

pesquisa de cobre em terras indígenas do Mato Grosso e do Pará. Seu principal alvo, com 13 pedidos, é a terra Sawré Muybu (Pimental), no sudeste do Pará, uma área tradicionalmente ocupada pelo povo Munduruku.

INVASÃO E CONTAMINAÇÃO

Há mais de 70 anos o povo Munduruku enfrenta a invasão da garimpagem em suas terras, localizadas no médio Rio Tapajós. Uma pesquisa, realizada pela Fiocruz em parceria com o WWF-Brasil, mostra que, como resultado da atividade garimpeira, 100% dos indígenas estão contaminados por mercúrio.

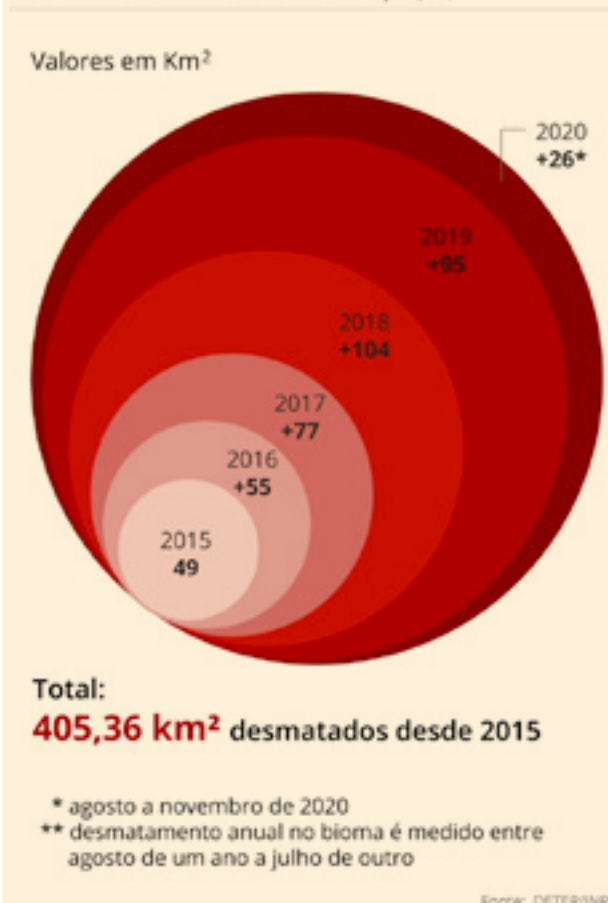
O povo Yanomami enfrenta a mesma situação em Roraima. Desde que Bolsonaro foi eleito, mais de 20 mil garimpeiros invadiram suas terras, assassinam indígenas e contaminam os rios e peixes. No entanto, o compromisso de Bolsonaro em promover o genocídio dessa população é tamanho que a Fundação Nacional do Índio (Funai) proibiu que pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) realizassem um estudo sobre a con-

taminação de mercúrio (ou seja, causada pela mineração) nos Yanomami.

CORRIDA PELO OURO

Desmatamento por mineração na Amazônia ano a ano

405,36 km² desmatados desde 2015 - área do tamanho da cidade de São Bernardo do Campo (SP)



QUEM É QUEM NA MINERAÇÃO DA AMAZÔNIA

Garimpagem ou mineração ‘legal’: destruição, saque e morte

Hoje em dia, a garimpagem tem muito pouco em comum com o que ocorreu em outros tempos, como na década de 1970, em Serra Pelada. Naquele momento, Serra Pelada atraiu camponeses pobres, despossuídos e peões que trabalhavam em obras rodoviárias promovidas pela ditadura.

Depois, vieram os desvalidos do fim do chamado “milagre-econômico” e aventureiros de todas as partes. Por algum tempo, a própria ditadura fomentou o garimpo, querendo garantir a ocupação de terras na região e impedir a movimentação de guerrilhas.

Mas, atualmente, não é mais o garimpeiro quem financia a atividade ilegal. E ela não é mais realizada com picaretas nem reúne um “formigueiro humano”. O garimpo na Amazônia está mais

empresarial e desmata, contamina e degrada muito mais, a começar pelo uso de escavadeiras, tratores e maquinário pesado.

UM ESQUEMA CRIMINOSO

Além disso, quem financia a atividade são políticos, empresários, o crime organizado, quadrilhas de grilagem de terras e milícias que atraem trabalhadores, pessoas vulneráveis e corrompem lideranças comunitárias. São os líderes dessas quadrilhas que enriquecem, e não o garimpeiro que muitas vezes trabalha em condições análogas à escravidão (desde 2008, 333 trabalhadores em garimpos foram resgatados nessas condições).

Geralmente, a garimpagem está associada a outras atividades ilegais, como exploração da madeira,

invasão de terras públicas, pecuária, tráfico de drogas etc. Ou seja, o garimpo ilegal é mais um capítulo da acumulação capitalista realizada na Amazônia, que hoje é palco de uma “territorialização miliciana”, realizada por grupos criminosos.

A DESTRUTIVA “LEGALIDADE” DO CAPITALISMO

Mas, há também a mineração “legal” capitalista, realizada na região por grandes indústrias, geralmente estrangeiras. Reza a lenda que elas seriam “menos predatórias”, pois teriam a autorização da Agência Nacional de Mineração. O vazamento em barragem de rejeitos da empresa Hydro Alunorte, em dezembro de 2018, que contaminou cidades do Pará, com mercúrio, arsênio e chumbo, mos-

tra que isso é uma farsa. Não há fiscalização e, como vimos, a mineração “legal” também invade terras indígenas.

Atualmente, as mineradoras pressionam pela flexibilização da legislação ambiental, como prevê, por exemplo, o Projeto de Lei 3729 em tramitação no Congresso Nacional, que propõe o fim do licenciamento ambiental. O projeto, já foi apelidado de “o pai de todas as

boiadas” (em referência à famosa frase do ex-ministro Ricardo Salles).

Legal ou ilegal, a mineração na Amazônia representa a destruição e o genocídio dos povos indígenas, enquanto meia dúzia de criminosos – milicianos ou engravatados da Faria Lima (avenida que concentra o centro nervoso da burguesia, em São Paulo) – faturam bilhões com o roubo, o saque e a morte.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/31LR6ZB](https://bit.ly/31LR6ZB)

Não é Serra Pelada, mas garimpeiros a procura de ouro do Rio Madeira. Diferente de Serra Pelada, a garimpagem é hoje financiada por políticos e grandes máfias.

NOVA SÉRIE

Marxismo contra o dogmatismo e as concepções burguesas

Estamos iniciando, neste número do jornal Opinião Socialista, uma série de dez artigos cuja proposta é fazer uma crítica, em base marxista, a toda uma série de concepções burguesas hoje dominantes. E, para começar, queremos responder exatamente a esta pergunta: “Mas, o que é uma crítica ‘em base marxista’?”



GUSTAVO MACHADO, DO
CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

A concepção marxista se diferencia de todas as concepções burguesas por não ser dogmática. O que significa isto? Um dogma é uma afirmação aceita como verdadeira sem demonstração. Afirmações como “o homem é, por natureza, bom, egoísta ou mal”; “o mundo é racional, justo ou injusto” ou, ainda, “a natureza humana é esta ou aquela”. O problema é que, quando se parte de dogmas, a crítica a outras concepções será sempre secundária. Por quê?

DOGMATISMO: A CRÍTICA EXTERNA E NÃO-DIALÉTICA

O dogmático sempre irá criticar o dogma do outro a partir de seu próprio dogma. Entre dois grupos diferentes de dogmáticos existe um abismo impossível de ser transposto. Cada um parte de seu dogma para criticar o outro, tornando o convencimento impossível. Por isso, dizemos que a crítica é externa e não dialética. Tomemos um exemplo.

Um falso marxista pode tomar as classes sociais de forma dogmática. Toda sociedade, dirá ele, se baseia na exploração de uma classe sobre a outra. E ponto final. Conversa encerrada. Do outro lado, um grupo de trabalhadores pode acreditar que a sociedade é feita por pessoas independentes e livres. Pessoas que podem se dar bem ou mal na vida, a depender unicamente de suas decisões, escolhas e seu mérito individual.

Salta aos olhos que não existirá diálogo possível entre esse falso marxista e esse grupo de trabalhadores. Um dirá: “O mundo é assim!”. O outro responderá: “Não é!”. Ponto final.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EBWBJX](https://bit.ly/3EBWBJX)

IDEOLOGIA: PARECE, MAS NÃO É

A concepção marxista parte do pressuposto de que até mesmo as ideias erradas possuem uma base social. O estudo da sociedade deve revelar não apenas a natureza mais profunda em que ela se estrutura (por exemplo, a exploração de classes), mas como esta sociedade assim estruturada pode aparecer de outra forma.

Como uma sociedade em que um grupo de proprietários vive do excedente produzido pela massa de trabalhadores pode aparecer como um conjunzto de indivíduos livres e independentes? Como um Estado, cuja função é manter esta sociedade

baseada na exploração, pode aparecer como algo neutro e imparcial, que supostamente pode corrigir todas desigualdades sociais? E assim por diante.

As ideologias burguesas são, de fato, falsas. Apesar disso, elas possuem (como base) aspectos reais e verdadeiros que são por elas isolados e transformados em dogmas que explicam a sociedade inteira. Os liberais explicam a sociedade inteira pela forma como os indivíduos aparecem no mercado: como átomos soltos no mundo. Os que acreditam ser possível resolver os problemas do capitalismo por intervenção Estatal, tomam o modo formal como o Estado

aparece sem conectá-lo com o restante da sociedade.

POR TRÁS DAS APARÊNCIAS

A concepção marxista, por sua vez, faz algo completamente diferente. Parte das formas mais comuns com que o capital aparece diante de todos: mercadoria, dinheiro, pessoas juridicamente livres e independentes e por aí vai. Assume temporariamente as ilusões que decorrem dessas formas unilaterais.

Somente então, cada parte é conectada, revelando, por exemplo, que a liberdade entre os indivíduos é a forma da exploração de uma classe sobre a outra; ou, ainda, demonstrando que a separação formal do Estado é a forma como ele garante a violência permanente de uma classe sobre a outra. Por isso, em O Capital, de Marx, a luta de classes, apesar de ser o fundamento da sociedade inteira, aparece de forma explícita apenas ao final: como conclusão.

No livro, exemplar da concepção marxista, durante o percurso, as bases sociais das ilusões burguesas são gradativamente reveladas e, somente assim, elas passam a ser criticadas. Assumiu-se, por exemplo, os pontos de parti-

das dos próprios liberais, para somente então mostrar como esses pontos de partida eram unilaterais e, por isso, suas conclusões eram falsas.

CRÍTICA DIALÉTICA: DESCONSTRUIR POR DENTRO

Esse método é fundamental para os marxistas. Ele nos permite não apenas compreender o capitalismo como totalidade, mas entender porque os trabalhadores, apesar de explorados, são vítimas das ilusões propagadas pelas concepções burguesas. Permite que dialoguemos com eles de forma não sectária, fazendo uma ponte entre o que pensam e a necessidade de uma revolução socialista que transforme a sociedade em seu conjunto.

Por isso, os militantes marxistas devem compreender teoricamente esse processo. Somente assim, quer seja em uma conversa pessoal, quer seja na propaganda ou agitação para grandes massas, poderemos desconstruir, por dentro, as falsas concepções que a própria classe trabalhadora assume. Somente assim, as grandes massas poderão aprender com a sua própria experiência, por meio de nossa intervenção. Esta é precisamente a crítica interna ou dialética que caracteriza a concepção marxista.

Com o objetivo de contribuir para essa tarefa, nos próximos artigos, vamos eleger vários aspectos que caracterizam diversas concepções burguesas: liberais, intervencionistas, nacionalistas, pós-modernas. Analisaremos a base social de cada uma delas, para, somente então, criticá-las e dissolvê-las por dentro. O socialismo irá emergir não como uma ideia preconcebida e dogmática, mas como uma necessidade que surge no interior do capitalismo e da vida de cada trabalhador.

